

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ALMEIDA, Carlos Alberto Silva de . Carlos Alberto Silva de Almeida (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 42min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Carlos Alberto Silva de Almeida
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Aira Fernandes Bonfim; Bruna Gottardo; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thiago Augusto Esteves Kunis;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 13/02/2015 a 13/02/2015

Duração: 1h 42min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Atividade profissional; Brasil; Casamento; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Família; Igreja; Infância; Portugal; São Paulo; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista 13.02.2015 Apresentações iniciais; origem no bairro Vila Maria, São Paulo; a infância e a relação com o pai; o contato com a Associação Portuguesa de Desportos na decisão do campeonato paulista; a família portuguesa e as mudanças para Portugal e Brasil; a primeira vez no Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi); as idas ao estádio na infância e a associação na Leões da Fabulosa; a relação da família com a Portuguesa; o casamento com uma corinthiana na sede da Leões da Fabulosa; a mudança de nome da Torcida Uniformizada Leões da Fabulosa para Torcida Uniformizada Leões da Fabulosa Independente; a família torcedora da portuguesa; os fundadores da Leões da Fabulosa; a conciliação entre torcida, trabalho e missa aos domingos; a primeira viagem para Araraquara no Estádio Morada do Sol; a primeira visita ao Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); o caso de Jaú e a filiação de toda a família na Leões da Fabulosa; as prisões em estádio; a diferença das brigas de torcida antes e atualmente; as maiores rivalidades da Portuguesa; as funções dentro da Leões; o funcionamento do estatuto da Leões; a relação da torcida com a diretoria da Portuguesa e os custos da sede da torcida; o ídolo Enéas Camargo e outros jogadores da Portuguesa; o encontro com Dener Augusto de Sousa na véspera do acidente; o patrão do pai “Zé da Farinha”; a morte de Cléo Sóstenes e a relação com a Mancha Verde; a adaptação à proibição das bandeiras de bambu; a relação com o Clube Atlético Juventus.

Entrevista: 13/02/2015

R. F. – Hoje estamos aqui na sede da Leões da Fabulosa, com Carlos Alberto Silva de Almeida, o Carlão, ou Beto. Integrante da Leões da Fabulosa desde 1975. Primeiramente, muito obrigado Carlão, Alberto, por topar participar do projeto. Gostaria que você começasse apresentando, por favor, falando onde você nasceu, falando um pouco sobre a sua infância, suas origens.

C. A. – Bom, eu nasci aqui em São Paulo mesmo, sou cidadão nascido na Vila Maria, com muito orgulho, moro até hoje naqueles lados lá, da Vila Maria. Minha infância foi uma infância de muito trabalho, filho de português. Filho de português tem que ser, né... Muito trabalho, logo de criança, e onde eu [inaudível 02:15] para me divertir, assim, com brincadeira de criança, bicicleta, peão, bolinha, não tive tempo. Pipa, não tive tempo. Meu pai não deixava, era trabalho. Agora uma coisa que ele deixou, e eu soube aproveitar quando ele deixou, foi ser torcedor da Portuguesa. Não foi por ele, foi por um amigo dele, foi em 73, o primeiro jogo que eu assisti da Portuguesa, foi justamente a decisão do campeonato paulista, com o Santos. Eu tinha 10 anos. Foi pela mão de um freguês, de um fornecedor, na época, dele. Dono do depósito 13 de maio [inaudível 02:58], e me levou para assistir o jogo da decisão. Até então, não ligava muito para futebol, mas a partir do momento, nem o meu pai, também, ligava muito para futebol, a família não ligava para futebol. Até quando, quando eu vi aquilo lá, aquela aglomeração, aquelas coisas. Eu já era meio ligado às coisas do futebol, não só pela minha mãe e pelo meu pai serem portugueses, como que eu tinha morado lá dois anos, anteriormente. Quando de criança, meu pai se mudou de vez para Portugal...

R. F. – Que cidade?

C. A. – A cidade do meu pai era da Beira Alta, Viseu, distrito de Viseu. Eu tinha morado lá dois anos, em Portugal, então, quando eles voltaram para cá, fomos para lá em 69, voltamos em 71. Não deu muito certo as coisas lá, aí voltamos de volta. Aí já muito ligados às coisas de Portugal. Em 73, quando eu fui no estádio, levado pela mão desse amigo nosso, eu fiquei impressionado. O Morumbi, aquela multidão de gente. Naquela época, o Morumbi... Hoje falam da capacidade do Morumbi para 65 mil pessoas, hoje dá 45, o Morumbi está lotado. E naquela época, o Morumbi estava com 120 mil pessoas/110 mil pessoas. Era o maior estádio

particular do mundo, ou é até hoje. E aquele estádio lotado, fiquei impressionado com aquilo, fiquei abismado, e naquela época eram bandeiras com bambu, faixas, papel picado, rolo de papel higiênico, era uma coisa que, hoje, infelizmente, não tem mais, e dá uma diferença, para quem é de torcida, é uma diferença muito grande. Então, vendo aquilo, eu me apaixonei. Foi daí que começou a minha paixão pela Portuguesa. Se passou um ano, eu vim aqui nos jogos, meu pai deixou eu vir nos jogos no Canindé, vinha com o vizinho. Passou um ano, 74, 75 eu estava com 12 anos, e sem que meu pai soubesse, eu fiz a minha carteirinha na Leões da Fabulosa. E a partir dali, eu já comecei a frequentar mais, e foi 75, 76. Vi a Portuguesa, em 75, decidir o título paulista com o São Paulo, novamente. Perdeu o título pro São Paulo, paulista, e aquilo me empolgou, foi empolgando, e eu fui. Vi vários... vivi muita coisa boa demais, vivi muita coisa ruim demais também. Naquela época era... Se fala de briga hoje, mas naquela época as brigas eram maiores, e era tudo na mão, pau mesmo. E o que existe hoje também existia antigamente. Foi assim que eu comecei na Portuguesa. Agora, parte, assim, de divertimento de criança, igual você falou da sua infância, como foi sua infância, a minha infância foi trabalho e Portuguesa, cara. Desde moleque, com essa idade, 12 anos, meu pai tinha uma lanchonete, eu acordava já de madrugada, e até hoje eu não sei o que é acordar depois das cinco horas da manhã, desse os 12 anos. Sempre trabalhando, e o divertimento era esse. Era a Portuguesa, estudava, trabalhava. Ia no jogo da Portuguesa, final de semana, domingo, o clube. E aí aconteceu um negócio legal. Passou 75, que eu fiquei sócio dos Leões, 76, aí quando a minha mãe não estava conseguindo, com meu pai, me segurar, que o negócio da paixão estava demais, pra ame deixar ir sozinho para os jogos, eles não queriam deixar. O que aconteceu? Meu pai, minha mãe, meus dois irmãos, se filiaram ao Leões da Fabulosa. Aí já viajava, 76/77, já viajava a família toda. Nas caravanas, ia meu pai, minha mãe, meus dois irmãos, eu, a família toda. E foi assim por diversos anos, por diversos anos mesmo. Minha mãe parou de ir, eu tinha meus 20 anos já, quando minha mãe parou de ir. Meu pai parou um pouco antes, porque aconteceu um caso com ele no Pacaembu lá, aí ele falou: - “Não vou assistir mais jogo”. Coisa da polícia, uma pessoa... Não velha, mas uma pessoa adulta, tomou um “pau” da polícia, injustamente...

R. F. – Década de 70?

C. A. – É. Isso já estava em 80, 80 e alguma coisa já. Quase 90, que eu estava já com meus 20 anos. Por aí, 80 para 90, nessa época. E nunca mais ele foi a estádio, aí ele parou. Mas a minha

mãe não, minha mãe continuou indo. Fazia chuva, sol, minha mãe continuou indo, junto com a gente, e tal. E foi assim até eu, praticamente até eu casar. Conheci minha esposa tinha 19 anos, ela era corinthiana [risos]. É, rapaz, aí foi uma desgrama! Ela falava: -“ Não, não vou”. Falava: - “Eu vou para o jogo”. – “Não, não vai”. – “Eu vou para o jogo. Vai comigo, ou não vai?”. Aí duas vezes, três vezes, brigava, até que ela viu. Falei: - “É o seguinte: não vou parar de ir para o jogo não. Para viajar, se eu puder, vou viajar. Das duas uma: ou você me acompanha, ou fica por aí mesmo. Fazer o quê?”. Ela falou... Na época, portuguêsão, eu era bonitão. Agora estou velho, gordão. Gordo, relaxado, 52 anos. Mas na idade de 19/20 anos, eu era “saradão”. Não era barriga “tanquinho”, mas não era essa barriga também agora... Mas, então, aí conheci, chegou a ir. Ela tinha 19/20 anos, ela começou a ir. Ia nos jogos, viajava. Eu ia preso, ela ficava esperando eu sair do “chiqueirinho”, que, naquela época, você ia preso...

R. F. – Dentro do Canindé?

C. A. – É, dentro do Canindé, você ficava ali. No final do jogo, abria a porta, você saía. Não dava “b.o”, não é que nem hoje, que você assina.eu saía, ela estava me esperando, lá na porta [risos]. Eu assistia o jogo sozinho, assistia com o pessoal, e foi assim. Quando eu casei, se passaram alguns anos, eu casei, minha festa de casamento foi na sede da Leões da Furiosa.

R. F. – Era aqui, na época? Onde que era...?

C. A. – Não, na rua Paulo Andrighetti, três andares de sede.

R. F. – Fica aonde?

C. A. – Fica aqui no Pari mesmo, aqui perto da garagem Santa Rita.

R. F. – Foi a primeira sede?

C. A. – Não, a primeira sede dos Leões foi aqui no Canindé mesmo. A primeira sede dos Leões foi aqui. Eu me filiei aqui, a premiria sede foi aqui, depois se passaram... Durante vários anos foi aqui, até que foi o Chiquinho, mais o “Landão” [dúvida 10:38] que tiraram os Leões da

Fabulosa daqui, virou Leões da Fabulosa Independente. Naquela época era só Leões da Fabulosa, Torcida Uniformizada Leões da Fabulosa. Depois se tornou Torcida Uniformizada Leões da Fabulosa Independente.

R. F. – Você lembra que ano que foi isso, que se tornou...?

C. A. – Lembro, lembro. Eu vou fazer a conta e já te falo, já, já. Se eu casei em 89, na sede da Paulo Andrighetti, tinha aqui um ano. Em 88, estava na Pedroso da Silveira, que foi quando a gente se tornou Independente, foi para lá, Pedroso da Silveira. Isso aí é 85, que o Leões da Fabulosa se tornaram Torcida Uniformizada Leões da Fabulosa Independente. Ou senão Grêmio Recreativo, e tal, que é até hoje, Leões. Foi 85 mesmo. E quando a Portuguesa decidiu o primeiro turno aqui com a Ponte Preta, a gente já estava lá. Aí, naquela época, disputava o campeonato por dois turnos, campeão do primeiro e campeão do segundo. Se fosse os dois turnos, campeão direto. A Portuguesa foi campeã em cima da Ponte Preta, primeiro turno, e perdeu o segundo turno do São Paulo, já estava na sede. Então, 85, por aí, mais ou menos, que se tornou Torcida Independente, e até hoje. Depois da Paulo Andrighetti, voltou aqui para o Canindé, saiu da Paulo Andrighetti, voltou aqui para o Canindé, foi quando o Chiquinho e o “Landão” [dúvida 12:16] largaram mão também de presidente e vice da torcida. Aí já vieram novos presidentes, vice-presidentes da torcida. Eu me casei, voltando aqui, eu me casei em 89, na sede da Paulo Andrighetti, tive... No meu casamento tenho três filhos, graças ao bom Deus os três torcem para a Portuguesa. O do meio, hoje, é o diretor financeiro da Leões da Fabulosa. Eu não sou não, eu fico só na retaguarda, orientando. Mas, hoje, cargo de diretoria eu não tenho. Tenho uma menina, e já tenho um neto também, o Ian. Que já nasceu a primeira roupa que ele vestiu foi da Portuguesa. Porque minha filha é fanática. E o marido dela é corinthiano, namorado. Não é marido, é namorado, porque não casou, e tal. Corinthiano. Mas o moleque já nasceu lusa. Então tenho essa alegria aí que em casa não existe confusão. Os dois irmãos torcem para a Lusa, o pai Lusa, eu Lusa, os filhos Lusa, meu neto, agora, Lusa. Lá em casa não tem confusão, não tem briga nenhuma. Só tem desgosto pela situação que a Portuguesa passa hoje. Chora mesmo, de verdade, todo mundo, da situação que a Portuguesa passa hoje. Mas a minha vida de torcida, assim, falando corrida, foi isso aí. Agora, tem várias histórias, várias coisas, vários acontecimentos alegres e tristes, desse período que formou desde 1975, várias alegrias. Já teve várias tristezas, pessoas queridas nossas que morreram novas, a ida para a decisão de

96. Tem histórias boas, das festas que a gente costuma fazer, nossas festas sempre foram muito boas. Festas de muita amizade, nunca teve briga em festa nossa. E essas alegrias, tem várias alegrias, as nossas viagens... Todas as caravanas que eu participei, praticamente já conheci o Brasil inteiro indo atrás da Portuguesa.

B. G. – O que você pode contar dos fundadores, Beto? Você lembra deles..?

C. A. – Eu vim para os Leões em 75, os fundadores, foi em 72. Conheço praticamente todos... Alguns deles, igual o Marquinhos, que hoje é dono, é um dos proprietários da pizzaria Ideal, fundador.

R. F. – Do Belém?

C. A. – Isso, do Belém. É o Marquinhos. O filho dele, hoje, é Leões também, que é o Tigará [dúvida 15:22]. O filho dele hoje é da Leões, do Marquinhos. Quando a gente precisa, ele está ajudando, para colaborar. Não vem mais, a vida também afastou, a vida profissional afastou, mas sempre que pode, ele está por aí. Professor Davi, que está até hoje com a gente, também. Viaja com a gente. Ficou com um problema na perna, por causa da Portuguesa, de briga, até hoje tem deficiência de uma perna, por briga, por confusões no estádio. Tem o Chico da Custódia, o próprio Lambão, Chiquinho, Maria Alice. Pessoas que já morreram, igual dona Maria Augusta, seu Joaquim Ferreira, que eram pessoas mais de uma certa idade, faleceram há muito tempo, mas tem muitos... Faz muitos anos já, a gente não consegue lembrar, mas... O Lambão é fundador dos Leões; o próprio Chico da Custódia é fundador dos Leões; Marquinhos, da pizzaria Ideal, é fundador dos Leões; o professor Davi é fundador dos Leões. A dona Maria Augusta, o seu Joaquim Ferreira, todos... Joaquim Fernandes, esposo da... Eu peguei esse pessoal todo ainda, em 75, eles foram com a gente vários e vários anos.

R. F. – Você estava com 12 anos quando você entrou na Leões?

C. A. – Isso, 12 anos.

R. F. – E como que foi conciliar essa vida de trabalho, desde cedo, com essa vida nos Leões? Coce frequentava já desde o começo...?

C. A. – Assim, por os Leões estarem dentro da Portuguesa, era fácil. Embora eu trabalhasse... Já trabalhava, na minha idade, trabalho já meio forçado, já meio pesado para a minha idade, mas é a educação que a gente tem dessa raça portuguesa, para quem era daquela... Hoje não, hoje não sofre, mas, naquela época, a educação era mais ou menos essa aí. Mas hora de folga é hora de folga, então, a lanchonete do meu pai toda, que ele tinha lanchonete, fechava de sábado, duas horas da tarde, o que eu fazia? Eu... Caia dentro. Ia para o clube, era Vila Maria para cá, rapidinho o ônibus. Chegava aqui no clube, pegava uma piscininha, ficava nos Leões até tarde. Tarde é modo de dizer sete, oito horas da noite, minha idade era pouca, também não podia abusar. E domingo, cedinho, tinha que ir na missa, que era a missa na Candelária, na igreja Candelária, domingo tinha missa..

R. F. – Toda a família?

C. A. – Toda a família ia na missa. Depois da missa, meu pai vinha para cá, a família toda. Aí vinha para cá. Piscina, aquela coisa, e sede dos Leões. Eu, até falei para você, eu demorei aí uns dois anos para começar a viajar com os Leões. Meu pai não deixava. Mas eu vinha aqui, ficava, e via quando eles entravam no ônibus. Aquela esquininha aqui, daquela rua sem saída, tem um barzinho. A concentração dos Leões era naquele barzinho, tinha um barzinho naquela esquina. E a concentração era ali, no ônibus, encostava ali para viajar. Eles iam, eu ficava, porque o meu pai não deixava eu ir. Mas foi indo, foi indo, até que, então, 14 anos, eu comecei a viajar. Primeira cidade que eu fui foi Araraquara.

R. F. – Contra a Ferroviária?

C. A. – Contra a Ferroviária.

R. F. – Você lembra? Quais as suas lembranças?

C. A. – Lembro. Estádio Morada do Sol, eu tinha 13 anos, meu pai e minha mãe vieram comigo aqui. O presidente os Leões, naquela época, era o Carlão. Já é falecido, esse Carlão já faleceu. Ele exigia... Não podia entrar no ônibus sem ser calça branca e camisa vermelha. Era o uniforme...

R. F. – Completo?

C. A. – É. É o que hoje eu estou brigando com essa molecada toda, que a gente mandou fazer calças brancas. Já foram pedidas muitas, estou exigindo que comece a vir todo mundo de calça branca e camisa dos Leões da Fabulosa, como era antigamente. Se não tivesse calça branca, não entrava no ônibus. Era obrigado a entrar uniformizado. E eu cheguei, a minha mãe mandou fazer uma calça branca em um alfaiate, porque, naquela época, não se encontrava calça branca de criança para comprar, de rapaz, para comprar.

R. F. – A torcida não vendia então?

C. A. – Não, não, a gente fazia a calça branca.

R. F. – Entendi.

C. A. – Minha mandou fazer uma calça branca, e vim. Foi a primeira viagem que eu fiz, tinha 14 anos. Fui para Araraquara, contra a Ferroviária. Saímos daqui domingo, cedo, cedinho, era umas sete, oito horas da manhã, o jogo era quatro horas da tarde lá. Me lembro até hoje, meu pai todo empolgado. Aí teve que assinar autorização, meu pai e minha mãe teve que assinar autorização, tudo. Carlão, pessoa de menor que quisesse viajar, tinha que ter autorização do pai e da mãe. Meu pai trouxe, se não autorizasse, não... Aí viajei. A Portuguesa ganhou de dois a zero, foi com gol de Enéas. Foi um gol do Enéas e foi um gol do... Do lateral, Marinho. Marinho torpedo, de falta. Marinho Torpedo. Foi um gol de falta do Marinho Torpedo e um gol do Enéas. Primeiro do Enéas, segundo gol do Marinho Torpedo. Depois desse jogo aí, de expressão mesmo, que eu já tinha meus 15 anos, foi a coqueluche. Naquela época eu não lembro se era São Paulo- Rio, ou se era Campeonato Brasileiro... Não sei se era Campeonato Brasileiro, se era Copa Taça de Ouro... Eu acho que era Taça de Ouro, Taça de Prata... Qualquer

coisa assim. Sei que foi Portuguesa e Flamengo, no Rio de Janeiro, no Maracanã. Nunca tinha ido no Maracanã, rapaz! Fiquei doído.

R. F. – Que ano?

C. A. – Isso foi em 76/77... 77. Não dormi, rapaz! Porque a ente ia sair daqui meia-noite, do sábado. De sexta para sábado, fiquei empolgado, falava: “Po, amanhã, essa hora, eu estou no ônibus”. Não dormi, fiquei alucinado. Poxa, o Rio, meu Deus do céu! Caramba! E, naquela época, era assim: você saía daqui meia-noite de sábado, o jogo quatro horas da tarde, no Maracanã, a gente saía adiantado para caramba. É porque não era. Ia muita gente, muita família. A gente chegava cedinho, cinco horas da manhã, no Rio de Janeiro, ia para a praia. Aí ficava até duas horas da tarde na praia, depois pegava e entrava... E, naquela época, podia parar no calçadão, na praia, na orla, podia parar. A gente parava ali, no posto, tudo parado, aí dava a hora, duas horas, ia para o Maracanã. Naquela época, levamos vinte e tantos ônibus.

R. F. – Vinte e tantos ônibus?!

C. A. – 23 ônibus.

B. G. – Mas seus pais foram com você?

C. A. – Não, nessa ainda não. Meu pai saía comigo... Nessa época, eu tinha 14 anos ainda. Meu pai saiu comigo depois dos 15. Mas meu pai começou a ir comigo, foi justamente um caso que aconteceu em Jaú, no XV de Jaú, houve uma briga... Antes de 78, quase 78. Tanto é que o goleiro do XV de Jaú, naquela época, era o Marola, que veio ser goleiro do Santos, depois. Na decisão de 78, que a Portuguesa participou também, o goleiro do Santos era o Marola. Mas, naquela época, era do XV de Jaú. O Marola fez uns gestos obscenos para a torcida da Portuguesa, lá no XV de Jaú. E, como o estádio é pequeno, e a trave era bem perto, começou a jogar sapato, tênis, ameaçou derrubar o alambrado, e todo aquele negócio. A polícia veio e pau na gente. Eu levei uma borrachada nas costas, uma borrachada de doer, Nossa Senhora! Um negócio inesquecível. Eu cheguei em casa com a borrachada, meu pai falou: - “Não vai mais

para jogo. Você não viaja mais”, não sei o quê lá. Os meus irmãos já vinham enchendo o saco há um tempo, queriam entrar nos Leões da Fabulosa...

R. F. – Eram mais novos?

C. A. – Eram mais novos. O do meio, dois anos mais novo que eu, e o caçula, quatro anos mais novo. Já vinham pressionando, também queriam entrar nos Leões, tal e tal. Aí eu comecei a ficar chateado, que ele falou que eu não ia mais para jogo, e eu: - “Não, pai, deixa, o que aconteceu eu não tive culpa”, e tal. Foi aí que ele falou: - “Sabe de uma coisa? Agora você só vai em jogo se eu for também”. – “Mas você nunca vai. Então eu não vou ir?”. No primeiro jogo que teve depois desse caso lá de Jaú, de eu ter tomado a borrachada da polícia, o meu pai veio aqui e fez a carteirinha dos Leões da Fabulosa, fez da minha mãe, e fez dos meus irmãos. Quer dizer, você não vai mais no jogo se eu não for junto. Então ele ia junto em todos os jogos [risos]. Resolveu o problema. E foi o que eu falei no começo. Foi assim por um longo tempo, até acontecer o que aconteceu lá no Pacaembu, contra o Palmeiras, da polícia ter batido no meu pai. Mas, antes, depois desse jogo do Rio, vieram muitos e muitos jogos. Não fui um santo, não vou falar que fui santo, torcedor santo. Hoje eu estou sossegado, mas, nas minhas contas, até o primeiro filho, com meus 27 anos de idade, mais ou menos... Porque depois que o meu filho nasceu, nunca mais fui preso. Eu fui preso, nas minhas contas, 16 vezes, em estádio.

R. F. – No chiqueirinho, ou...?

C. A. – Não, chiqueirinho. Sempre chiqueirinho.

R. F. – Era detido no estádio...?

C. A. – É. Canindé, Pacaembu, Parque Antártica, Morumbi. Fora. Fiquei detido 16 vezes. Geralmente foi briga mais com a polícia. Sempre foi mais com a polícia. Encara a polícia, a gente sempre foi injustiçado, sempre foi em menor número, e sempre sobrava para a gente, os caras não caíam para cima de torcida grande. Se a gente estava discutindo com a outra torcida, estava querendo brigar, qualquer coisa, os caras invés de meter pau na torcida grande lá, invés de meter pau nos caras, não. Metiam na gente, que era em menor número, era mais fácil bater

[risos]. Eles vinham em cima da gente. Então virava isso daí, a gente reagia, naquela época lá, eu não tinha para dar água de beber sequer, então encarava. Mas sempre foi assim, mas nunca passou de ir na mão, nunca passou de estádio, nunca dei uma pedrada em ninguém, nunca dei paulada, sempre foi na mão, e graças a Deus é assim. Hoje, se eu tivesse a idade que eu tenho hoje, se hoje eu tivesse a idade que eu tinha, hoje, sinceramente, eu não faria isso aí, o que hoje é perigoso demais. Acabou esse negócio de briga de mão, não existe, torcida mais não encara a outra, geralmente é pedaço de madeira, é pedaço de pau, é arma, é faca, então hoje é perigoso. e eu falo para o meu filho – meu filho tem 22 anos- - “É, mas o senhor fazia...”. – “Espera aí, é outra época, meu querido. É outra época. Brigava, brigava, cansei de brigar contra a torcida do Santos. Brigava antes do jogo, brigava depois do jogo, no final, juntava todo mundo e ia tomar cerveja lá no bar do Santos, lá na [inaudível 29:53]”. Quando o jogo era aqui, a gente ia lá para o restaurante do Santos tomar cerveja com o [dúvida 30:00], mais uma rapaziada aí. Ou se era lá na baixada, terminava, nós íamos lá na lanchonete do português, lá na Vila Belmiro, ia tomar cerveja lá com a torcida do Santos. Cansou de acontecer. Não foi uma vez, duas vezes. Várias vezes. Comia, acabava o jogo, a gente ia para lá. Com a torcida do Hélio Silva mesmo, com a TUSP, ou com a Independente. Cansamos de brigar. Chegava, tudo bem, caraca... Abraçava de novo, o caramba, ficava tudo de boa, eles vinham na nossa sede, nós íamos na sede deles... Hoje não é mais assim. Hoje você, de repente você briga com o cara, você dá as costas, o cara te dá um tiro. Precisa tomar cuidado hoje. Meu filho, eu falo para ele. Os outros, a Karina é fanática, doida. Agora está sossegada, porque ela foi mãe, o neném está com dois meses, ela está encostadona, parada lá, mas ela é igual ao Rafael, do meio. Fanática, e ela é mulher, mas ela não perde para nenhum homem não. Ela é “foguetete”. Agora, o mais velho é sossegado. Na dele, não está nem aí com nada. Vem no jogo quando dá para vir, quando não dá, não vem, mais sossegado.

R. F. – Você falou da relação com outras torcidas, nessa época, de 70. Quais que eram as maiores rivalidades da Portuguesa, e da Leões?

C. A. – 70?

R. F. – Isso, quando você entrou na Leões. Quais que eram as grande rivalidades, tanto de torcida, quanto de equipe?

C. A. – Sempre foi, a rivalidade maior sempre foi com a torcida da Gaviões da Fiel, do Corinthians. A maior rivalidade sempre foi. Mas rivalidade eu digo, assim, uma rivalidade até que sadia. Agora, rivalidade de raiva de vontade d esganar mesmo, era contra a Mancha Verde, contra a Mancha. Eu, quando enteei da Leões, não era o Cléo. Em 75, não era o Cléo. O Cléo foi ser lá para os anos 80.

B. G. – 86.

C. A. – É, por aí, o Cléo foi ser bem para frente. Quando eu entrei na Leões, em 75...

R. F. – Era a TUP, ainda?

C. A. – Era a TUP, Torcida Uniformizada do Palmeiras, era a TUP, mas era uma torcidinha encrenqueira. Era a Gaviões da Fiel, rivalidade grande. Do São Paulo já era a própria Independente, também. Nem Independente, era a TUSP mesmo, a Independente nem tinha, acho, que em 75 ainda não existia a Independente. A Independente, acho que era mais nova.

B. G. – A Independente é de 72.

C. A. – 72 também?

B. G. – É.

C. A. – Eu não lembro. Eu sei que a TUSP, a maior de São Paulo era a TUSP, hoje é a Independente. Mas a maior torcida que tinha de São Paulo era a TUSP, à qual justamente o Hélio Silva era o presidente. Isso mesmo.

R. F. – E no interior, assim, com as equipes do interior?

C. A. – Ponte Preta.

R. F. – Maior rivalidade?

C. A. – Puta que pariu, conto até hoje. Ponte Preta, sempre foi. Tinha uma torcida aí, mas o torcida desgramada, rapaz! Era a torcida do Marília.

R. F. – Todo mundo falou isso. Todos falam isso.

C. A. – Mas eles contaram o que acontecia?

R. F. – Sim.

C. A. – 70% mulher.

R. F. – Era? Você lembra de alguma história em Marília?

C. A. – Você sabe o que é você entrar no estádio e chover laranja de tudo quanto é lado? E você não via, era laranjada mesmo, laranja. Você puxando as bandeiras, você tem que passar na frente, o estádio todo de madeira, e você entrar no estádio, uma entrada e uma saída,. A mesma que você entra é a mesma que você sai, para todo mundo. E você entrar, passar na frente das torcidas [risos], para ir lá para o outro campo, tomando laranjada do começo ao fim. Porque lá em Marília, o que acontecia? Você podia entrar com laranja à vontade. Então o pessoal ia para o estádio, não comprava cerveja para tomar não, levava saco de laranja. Era tanta laranjada nela, tanta laranja. E olhava assim, até as mulheres jogavam. Era uma mulherada desgramada na arquibancada. Muita mulher ia assistir o jogo do Marília, não sei se por causa do nome, Marília, a cidade ser Marília incentivava as mulheres, porque é nome feminino. Tinha mulher para caramba no jogo. E elas, quem tacava a laranja eram elas. Eu olhava, elas xingavam e tome laranjada, rapaz! Mas é um torcida bem encarnada a do Marília. Agora, com o pessoal da Ferroviária a gente tinha muita amizade. Com a do Guarani não saía confusão, nunca lembro de confusão com a torcida do Guarani, no interior, não tinha rivalidade. Agora Ponte Preta todo jogo saía. Difícil não sair encrenca com a torcida do Ponte Preta, até hoje. Agora há pouco tempo, a Ponte Preta jogou aqui no Canindé, já rebaixados já. Briga. Agora em Campinas não

teve, porque a polícia, a segurança é muito grande, mas vontade deu, mas tinha um esquema de segurança muito grande. Mas, naquela época, voltando, naquela época, rivalidade mais, no interior, era a Ponte Preta, o Marília, que tinha uma torcida, também, bem invocada, em Jaú... Naquela época tinha o Jaú, tinha o Clube de Rio Claro, hoje já não existe mais. Tinha torcidinha que também dava problema era a torcida do São Bento, de Sorocaba. Mas porque quando era no estádio velho, na cidade, ainda. Tinha o estádio velho que era dentro da cidade, parecia um galpão. O estádio deles parecia um galpão, bem no meio da cidade. E lá era uma entrada e uma saída também, então eles se aproveitavam disso para querer pegar a torcida adversária que vinha. Essa era mais sossegada. Se for falar mesmo aqui de rivalidade, acho que todo mundo vai falar Ponte Preta e Marília. Ponte Preta principalmente. E é uma torcida grande. A torcida da Ponte Preta é uma torcida grande. A maior do interior, acho que no interior não existe torcida maior que a Ponte Preta. Até hoje. Isso lembra muito, quem lembra bem daquela época de 77, eles trouxeram quase 200 ônibus de Campinas e invadiram o Morumbi para a decisão do Campeonato Paulista, 77. Não é torcida pequena não, é bem grande.

A. B. – As rivalidades, hoje, modificaram, na sua opinião?

C. A. – Olha, filha, vou te falar: rivalidade, acho que hoje rivalidade parece que aumentou. A impressão que a gente tem que não existe mais amizade no futebol, entre torcidas não existe. Não existe. A gente, por exemplo, a gente mantém uma amizade com torcidas. A gente chama de amizade, ou coirmã, e tal, igual o pessoal da Falange Azul lá, de Londrina, que vai lá na festa deles, eles vão vir na nossa festa. Vamos ter amizade com o pessoal lá de Goiás, mas a coisa é superficial. Eu acho que rivalidade... Nenhuma torcida mais se respeita, pelo que eu vejo. Antigamente, existia muito respeito. Não somos amigos, mas a gente se respeita. Hoje, não se respeitam mais, uma meia dúzia já arruma confusão. Acho que a rivalidade aumentou muito, mas não é pelo... Pela própria sociedade, a molecada vem meio desorientada, e usa, às vezes, o futebol, a torcida, para se libertar de alguma coisa, aí vai para a violência para a depredação, quebrar... Igual esses que se infiltram nessas manifestações que tem na cidade. Os caras estão fazendo uma coisa pacífica, igual na torcida, vem pacífica, mas tem uma meia dúzia ali dentro que vem... Não quer saber daquela pacificação, daquela calma. Quer saber de movimento, de bagunça do caramba, e sai quebrando, sai brigando, entendeu? Por isso que eu falo, assim, rivalidade, se for ver assim, não é uma rivalidade às vezes nem de time para time.

A Portuguesa, não tem que ter rivalidade com a Portuguesa, de time. A Portuguesa é o segundo time de todo mundo de São Paulo, todo o estado de São Paulo. Não tem rivalidade, não existe, rivalidade de time para time não existe. De torcida para torcida, também, poucas teriam, mas tem aquela meia dúzia. Inclusive na Leões tem. Eu pego a molecada, não precisa disso. Se segura aí, fala com seu filho, segura esses moleques, estão abusando. Segura aqueles moleques lá, que eles estão abusando. Isso existe. Eu falo que o que está acontecendo nas torcidas às vezes não é a consciência da torcida, propriamente dos dirigentes da torcida, da própria torcida como um todo. É aquela meia dúzia, uma dúzia.

R. F. – Mas tem algum clube que, alguma torcida que não existia rivalidade e passou a ter, ou que tinha e virou amizade depois?

Não, naquela época lá, a gente fez muita campanha de pacificação com as pessoas. A Leões da Fabulosa foi pioneira nisso. Isso foi, mais ou menos, em 80, 80 e alguma coisa. O Leões da Fabulosa mandou fazer uma faixa. O negócio começou a ficar meio esquisito, muita briga, tinha tido briga de Corinthians e Palmeiras. Tinha tido uma briga desgramada entre Corinthians e Palmeiras, teve uma briga do São Paulo com o Santos, no clássico San-São. Aí a Leões da Fabulosa fez uma faixa que era: Campanha da Pacificação das Torcidas.

R. F. – Foi uma ação da Leões, ou foi junto com outras torcidas?

C. A. – A Leões ia com aquela faixa quando fosse jogar com o Corinthians, com o São Paulo, com o Palmeiras... Chamava o presidente ou dirigente da outra torcida, o Leões levava duas meninas para depois entregar a faixa, e levava o presidente da torcida, entrava com as bandeiras, o goleiro da Portuguesa, com a bandeira da outra torcida, o goleiro do Corinthians. Nós entrávamos no estádio, dava a volta, parava no meio de campo, virava para a televisão e abria a faixa da pacificação das torcidas. Levamos isso aí quase uns quatro meses, mais ou menos. Levamos isso aí uns quatro meses, mais ou menos, no começo, aí deu uma parada. Aí vimos que deu certo, voltamos. Ficamos assim durante uns dois anos, todos os jogos. Tem alguma foto aí referente a esse negócio da campanha da pacificação das torcidas. Mas foi a única torcida que fez isso, nunca ninguém fez. Tanto é que na Gaviões tem uma foto lá. Sabe

quem que entrou em campo junto com a torcida da Portuguesa, com a faixa? As pessoas se referiam a ela, a Elisa.

R. F. – Corinthians.

C. A. – Corinthians. Ela estava na Gaviões, a última vez que eu fui na Gaviões... Tem uma foto bem grande lá, que tem essa nossa faixa, campanha da Leões da Fabulosa, e a Elisa do lado da faixa, com o presidente... Não era presidente, era diretor da torcida, mais a Elisa. Falecida. Então, foi a única torcida que fez esse tipo de campanha, naquela época. Depois disso, nunca mais vi nada a respeito disso aí.

R. F. – Você comentou a respeito da Portuguesa não ter rivalidade, ser um time simpático aos brasileiros, tudo. Na época, existia, por exemplo, na torcida da Portuguesa, pessoas que torciam para a Portuguesa e para algum outro clube, junto? E como era visto isso?

C. A. – Tinha, tinha. O cara torcia para a Portuguesa e torcia para o Benfica, tinha o que torcia para o Porto, tinha o que torcia para o Esporte.

R. F. – Tinha rivalidade entra a colônia?

C. A. – Entre eles tinha, porque um era benfiquista, outro era esportequista, outro torcia para o Porto [risos].

R. F. – E tinha isso na própria torcida? Trazer a rivalidade para a Portuguesa?

C. A. – Tinha. Até hoje. Vai aqui na sueca para ver, aqui dentro da Portuguesa, aqui atrás. Aqui são as quadras de bocha e malho [duvida 44:22], do outro lado, ali, tem o salão da sueca, o jogo de baralho, sueca. Vai lá. De vez em quando começa a discutir benfiquista, esportequista, sai uma briga...

R. F. – E você?

C. A. – Rapaz, eu fui para o meu pai, não é? Eu sou esporteguista, Portugal é Esporte, meu pai era esporteguista, eu fui esporteguista. Conhecer eu não conheço, mais ou menos, mas meu pai falou que era esporteguista: -“ Você torce para quem lá em Portugal?”. – “Eu torço para o Esporte”. Eu morei lá, eu torço para o Esporte. E na época que eu falava que torcia para o Esporte, o Esporte tinha Jordão, um dos melhores jogadores, que foi até para ser um dos melhores do mundo, na época. Jordão, ponta esquerda. O Benfica se gabava de Euzébio, o Esporte se gabava de Jordão. Mas eu, assim, não sabia muito das coisas do Esporte. Hoje a gente sabe, fica fácil. Naquela época não tinha, tinha que esperar vir um jornal de lá, alguém comentasse, ou comprar um jornal que viesse de lá, para poder acompanhar o futebol. Hoje pé fácil, dá para acompanhar, saber quem encarar no campeonato, e tal. Mas a rivalidade, assim, você fala: “Estou vendo a o jogo da Portuguesa, mas eu torço para o Corinthians”. Não.

R. F. – Você acha que nem mudou, assim?

C. A. – Não, também não mudou. Tem o seguinte: aqui na sede mesmo dos Leões, tem. Tem os amigos lá da Jovem, é amigo da Independente. Os caras vem aqui, vem sem camisa, porque eles respeitam. Eles são amigos, eles sabem que eles são torcedores dos outros clubes, mas eles respeitam. Assim como a gente, também, quando vai, há respeito. A não ser que seja uma festa de aniversário da torcida, e você é convidado para ir como um Leão da Fabulosa, então você vai com a camisa da Leões, assim como eles vem com a camisa do clube deles, que eles estão representando nessa festa. Geralmente é o presidente e o vice, senão um ou dois u três diretores que vem, vem com a camisa. Mas aqui na sede, em visita comum, os caras, é de praxe isso aí, em todas as torcidas, você não vai entrar na sede do outro cara com a camisa do outro clube, não pega bem. Por mais amizade que você tenha com as pessoas que estão lá dentro, mas não pega bem, e vice-versa. E sempre foi assim, naquela época também era assim.

B. G. – Beto, quando você entra para a Leões, você assume alguma função dentro da torcida?

A. B. – Do departamento...

C. A. – Eu, quando entrei nos Leões, eu não assumi função nenhuma. Eles davam a função, porque a gente era... Eu tinha já meus 13 anos, mas era fortinho, então quem entrava se lascava:

- “Oh, pega os bambus. Oh Beto, ajuda a carregar os bambus. Ficou a faixa lá, ajuda a pegar a faixa”. Quem entra novo se lasca. – “Amarra a faixa lá, estica a faixa lá”. Vai para o jogo: - “Vai desamarra a faixa e ajuda a enrolar a faixa”. Essa é a função que dá para quem entra de novo. E a gente entra com vontade, nem liga para o que o cara está falando. -“Vamos embora, vamos lá!”. Aí vai passando o tempo, você vai começando a fugir [risos]. Deixa para os que entraram depois. Aí você vai ficando muito conhecido na torcida, aí sim. Eu entrei em 75, eu fui ser diretor dos Leões em 84. Nove anos, quase 10 anos depois, fui assumir um cargo de diretoria na Leões. Não fui presidente porque não quis, nunca quis assumir a responsabilidade de ser presidente da Leões. Eu ajudo, eu faço o que vocês quiserem, eu faço, mas assumir presidência não assumo, de jeito nenhum. Porque eu acho que é uma responsabilidade muito grande. Você está liderando um grupo de pessoas é muita responsabilidade. Então, nunca quis assumir presidência. Mas diretor eu fui, em 84, fui durante cinco anos direto, diretor. Ou diretor de bandeira, diretor de instrumentos, da parte do grupo dos instrumentos, diretor social para fazer as festas. Sempre tive cargo, vários anos. E depois eu fiquei um pouco afastado, quando nasceu meu filho, eu fiquei afastado acho que uns dois, três anos. Depois voltei novamente. Mas sempre assim: diretor, um cargo de diretoria, mas nada. Assim, de muita responsabilidade com a torcida.

B. G. – E quando você entra como diretor, quem que é a liderança? Quem que era o presidente...?

C. A. – Quando eu entrei para diretor, em 84, era o seu Araújo. Seu Araújo era lá de Cumbica. Vinha ele, a mulher, os dois filhos. Os quatro filhos, tudo homem. O mais velho, o a segui do mais velho, e dois gêmeos. Os dois mais velhos são aposentados da Força Aérea Brasileira, os dois. Eram pilotos da Força Aérea, hoje já são aposentados. Então seu Araújo era o presidente. Ele pôs eu como diretor de bandeiras. Mas diretor de bandeiras era eu e mais uns 10, sabe? [risos]. Diretor de bandeira, eu e mais 10. Mas eu era um dos 10. Eu fiquei diretor de bandeira um tempão. Aí nós dividimos... Aí, quando a gente começou a fazer as festas, aí já diretor social. Isso foi em 88, era diretor social. A gente organizava as festas dos Leões, a festa de aniversário dos Leões, Aí fiquei assim até 89, de diretor. Depois eu casei, passou um tempo, tive meu filho mais velho, fiquei uns três anos afastado, voltei novamente como diretor, e nunca mais assumi um cargo de direção, a não ser agora, estrou como social. Peguei o negócio de

social, mas eu peguei mais dois. Eu falo, vocês fazem [riso]. Não tenho tempo. O negócio de torcida, ou o cara se dedica, ou não se dedica, porque não existe meio termo. “Ah, vê lá o que você pode fazer, depois eu vejo”. Não. “Eu vou ver o que eu posso fazer, depois vocês veem se está certo”. É assim que funciona. Vejo o que eu posso fazer, depois vocês veem. Não é o contrário. É um negócio que você tem que ter dedicação. Você assumi...OS caras pensam que não, mas olha, você se envolve é com festa, é com ônibus, é com as caravanas, é problema com ônibus, é problema que você pede dois, o cara manda um. Aí pede dois, às vezes não vem o segundo, não vem o terceiro. Tudo isso é na cabeça do diretor, e eu não quero mais nessa idade, chega não é? Deixa meu filho agora, diretor financeiro. Eu assumi cargo levezinho, suave, sem muita responsabilidade.

B. G. – E aí, como que funciona o estatuto? Quanto tempo? O presidente é eleito?

C. A. – O presidente é eleito, depois do presidente eleito, se forma a diretoria também. Para eleger presidente, você forma as chapas. Forma as chapas, elege presidente, venceu. Os dois anos de mandato do presidente, depois anos de mandato. Venceu, é presidente, se formam as chapas. Quem quer ser presidente novamente? Aí se formou as chapas de presidente, você chega e faz a eleição normal, chapa tal, chapa tal. Depois a contagem é feita na frente de todo mundo, às claras. O que vencer, é a chapa, presidente e vice-presidente. Esse presidente e vice-presidente forma a diretoria. A diretoria de bandeira, diretor de bandeira, diretor de patrimônio, diretor da parte de bateria, de instrumentos de bateria, vai diretor social. O que mais? Tem mais alguma coisa. Tem o diretor de patrimônio, que eu já falei. O que cuida da lojinha, esses negócio. Se não perdeu nada, se está faltando alguma coisa, é patrimônio.

B. G. – E aí quem vota são os associados?

C. A. – Sim.

B. G. – Ativos?

C. A. – Ativos. Ativos, e até aqueles que não eram ativos, às vezes aparecem aí, falam: - “Estou devendo quanto aí na casa?”. Aí eles pagam, estão ativados, pronto. [risos]. Os caras se afastam, ficam aí quatro, cinco, seis meses, ficam devendo. Mas é tão baratinha a mensalidade...

R. F. – Quanto que é?

C. A. – Está 20 reais. Paguei, estou ativado, vou votar. Pronto.

B. G. – E quantos associados, mais ou menos?

C. A. – Ah, nessa última eleição, que foi agora, que é do Müller, agora, foram... Acho que deu aí uns 180 associados, mais ou menos. 180, isso mesmo.

B. G. – E aí o presidente pode ser reeleito?

Pode, pode?

Uma vez?

Não, pelo estatuto só uma vez. Acontece aquela, também, já aconteceu, burla o estatuto, já aconteceu. –“Quem vai ser presidente?”. –“Ah, não quero não”. “–” Também não”. Aí, na época era o [inaudível 56:06]: - “Po, vou ter que ficar mais tempo aí? Ninguém quer ser presidente não?”. Aí foi reeleito, já tinha sido presidente, foi reeleito novamente, por não ter candidato à presidência dos Leões. Justamente por isso, faltar aquele cara que queira assumir a responsabilidade.

R. F. – Vamos fazer uma pequena pausa, só para trocar a fita. Quer tomar uma água, ir ao banheiro?

[FIM DO ARQUIVO I]

A. B. – Leões, com a diretoria da Portuguesa, eu sei que vocês estão muito próximos da estrutura do clube...

C. A. – Primeiro eu vou falar pelos Leões, depois eu falo por mim. A Leões é uma torcida, embora esteja próxima do Canindé, é uma torcida independente. Ela não vai pela ideia dos dirigentes dos clubes, a gente tem ideias próprias, Leões tem ideias próprias. Certo que a gente... Aconteceu, vou dar o exemplo aqui, justamente o caso da Lupa, recente. Queira ou não queira, a gente sabe muito bem o que ele fez. Não temos as provas, eu não posso afirmar que ele fez, mas no fundo a gente sabe o que ele fez. Não vou aqui falar alguma coisa, depois levo um processo por aí a troco de besteira. A gente tentou derrubar ele, foi para cima, o Leões foi para cima, fora Lupa, fora Lupa. De qualquer maneira tirar o homem dali, que a gente sabia que as coisas não estavam ocorrendo certo. Então, os Leões tem ideia própria. Não vai, não tem influencia. A nossa relação é boa porque, tanto assim, nós somos uma torcida que não é de grande volume. Não somos uma Gaviões, não somos uma Força Jovem, certo? Mas somos uma torcida apaixonada. Tanto é que pode ver por aí, pode perguntar... Vocês entrevistaram, vocês comentaram, é sempre a ideia é essa: um português vale por 10. E a gente tem o respeito junto às outras torcidas hoje por causa disso. A gente era poucos, mas equivalente, nunca fugimos de nada. Então, um português vale por 10. O que acontece? A Portuguesa sabe disso, então a Portuguesa sempre respeitou muito os Leões da Fabulosa. Agora, junto à presidência atual, gente está daquele jeito: a gente ao está gostando do que ele está fazendo. A torcida está meio que dividida, alguns gostariam que ele sáisse, outros não. Mas com o resto da diretoria, o relacionamento é bom. A gente tem um bom relacionamento com a diretoria de futebol. A gente apoia os rapazes que estão trabalhando lá. Os três mosqueteiros, chamados de os três mosqueteiros, que são o vice de futebol, mais os dois diretores de futebol. Então, assim, a gente está esperando o que vai acontecer, porque a Portuguesa esta em uma situação tão difícil, financeiramente, que a gente também ao pode condenar o atual presidente, porque é o seguinte: você administrar uma empresa que dá lucro é fácil. Você vai, você investe, pega o capital que sobre, você investe aqui, sobrou ali, você investiu, você joga ali, faz outro investimento ali. Você vai só aumentando, fica mais fácil. Você administrar uma empresa que está na balança, também não é difícil. Não é tão fácil, mas também não é difícil. Você consegue, tem novas ideias para levantar a empresa. Mas você administrar dívida, é difícil. Como você administra

dívida? Você não administra, você empurra. Empurra dali, deve aqui, descobre ali. É assim. E é o que está acontecendo na Portuguesa, hoje. Então não dá para você, hoje, com a Leões, a gente está tentando nesse momento. A gente está tentando ver o que acontece. Por um lado a gente não está gostando do que está fazendo. Fomos rebaixados para a série C. um time que a gente montou Campeonato Paulista, está bem. Mas a gente vê que não é aquele time, certo? A nossa categoria de base não ganhou ninguém, não teve quase... Só um ou dois, só, mais ou menos. Desclassificados logo no começo da Taça São Paulo aí. Quer dizer, não tem uma base boa. Então a gente está vendo aí, estamos deixando, levando em fogo brando, para ver o que vai estar acontecendo. Essa é a relação de hoje. Agora eu falo da minha relação com a Portuguesa. Deu sou diretor social na Portuguesa. Faço parte do departamento social, sou diretor social. A minha relação com o clube é aquela: eu quero ajudar o clube a sair disso, então, por isso, eu me dedico ao departamento social, nas festas, nas coisas que tem. Trabalho, falo de tudo, porque eu sei que aquele dinheiro que a gente vai faturar lá, vai ajudar a Portuguesa. Então eu, fazendo parte do departamento social, eu tenho que estar bem com o presidente, certo? Por isso que eu falo: a nossa relação, hoje, é essa. Estamos vendo o que vai acontecer, para ver se a gente pede a cabeça do presidente, ou apoia o presidente. Vai depender dele, e do que vai acontecer daqui para frente. Que ele já teve mais de um ano de chance. Se não fez nada até agora, vamos ver agora o Campeonato Paulista. O termômetro da situação do presidente, hoje, com a torcida da Leões da Fabulosa é o Campeonato Paulista, entendeu? Se a Portuguesa... Ela está bem. Estamos aí, três jogos, dois empates, uma vitória. Se por um acaso, mais uma vitória, mais uma vitória, chegar entre os oito... Não falo ser campeão, chegar entre os oito, não correr o risco de cair no Paulista, de repente você tenta... Vamos ver o trabalho. Vem agora a série C, vamos ver se a gente apoia mais um pouquinho... Agora, se o time, e com certeza eles vão para cima, e derruba. E torcida, você sabe disso, torcida derruba presidente.

B. G. – Mas em relação ao começo da torcida, desde a época da fundação, a Portuguesa ajudava de alguma maneira? Ajuda de ingresso, ou outras...

C. A. – Quando eu entrei nos Leões, os ônibus eram de uma empresa chamada Benfica, de São Caetano. O dono da Benfica era quem dava os ônibus para a gente, ele pagava os ônibus para a gente viajar. A gente cobrava alguma coisa, mas esse dinheiro era para arrecadar fundos para a torcida. Ingressos, quando eu entrei para a torcida, o presidente chamava-se doutor Osvaldo

Teixeira Duarte. Ele era... Aquilo para soltar dinheiro... Ele fazia tudo pela Portuguesa, por isso que a Portuguesa é isso aí. Porque a Portuguesa pode se dar ao luxo de falar que a Portuguesa tem todo esse patrimônio graças a ela mesma. Aos seus associados, à sua colônia, que construiu isso aqui. Porque a gente não teve ajuda de governador, igual o Morumbi teve, na época, para construir, que foi o Laudo Natel que construiu o Morumbi. Hoje em dia, o Itaquerão foi o BNDES, o governo do Estado, não sei o que lá, construíram o Itaquerão. Se o Corinthians vai pagar ou não vai, a gente não sabe, mas teve ajuda para construir. O da Portuguesa nunca teve ajuda. E o presidente era o doutor Osvaldo Teixeira Duarte. Tudo que ele podia, ele pegava para a Portuguesa e fazia. Ele intimava, ele vinha em cima do pessoal, da portuguesada antiga, donos de padarias, donos de mercados, nossa! E ele ajudava, e chamava, ajudava a Portuguesa, fazia campanha do azulejo, campanha de chaveiro, campanha não sei do que, e a Portuguesa só ia crescendo. Levantando estádio e o caramba. Olha essa base aí. Então, na minha época, a Portuguesa não dava ingresso para a gente. Quem dava o ingresso para a gente era o diretor, que tirava dinheiro do próprio bolso, igual é feito até hoje. Os Leões faziam uma caravana, para Campinas foi mil reais. Diretor de futebol, Marquinhos. – “Marquinhos, arruma os ingressos?”. – “Arrumo”. – “Fulano, dá para arrumar aí um dinheiro para os ingressos?”. Então vem esse dinheiro dos ingressos. Esses ingressos, a gente vende pela metade do preço. O cara da dinheiro para comprar, por exemplo, chega em um diretor, na sueca mesmo: - “A gente precisa de um dinheirinho para pagar o ônibus, com os ingressos”. Então paga. No dia do jogo, você compra. Você arrecadou os ingressos? Os ingressos já foi em dinheiro. Você chega, compra os ingressos, e vende pela metade do preço, que a gente já anuncia a caravana com o valor do ingresso. O ingresso é R\$40, você vende por R\$20. O ingresso lá em Osasco foi R\$10, vende por R\$5. Então, esse dinheiro aí, a gente arrecada e paga o ônibus. Já paga o ônibus, e ainda sobra alguma coisinha, não é muito. E foi sempre assim. A Portuguesa mesmo, que seria o dr. Osvaldo Teixeira Duarte, antigamente, a gente está falando de antigamente, ele mesmo não chegava lá: - “Toma, 50, 100 ingressos”. Não. Mas chegavam os diretores e davam: - “Compra aí 20 ingressos. Toma aí para comprar 30 ingressos”. Diretoria, o pessoal mesmo, que tinha conhecimento. E é isso até hoje, funciona dessa maneira. Sempre funcionou praticamente assim. Salvo uma época que a gente brigou aqui dentro, foi justamente quando se tornou independente, que foi uma briga que a gente teve aqui dentro, e a gente saiu, foi para uma sede fora, e tal.

R. F. – Quanto tempo durou essa sede fora?

C. A. – A sede dos Leões fora, ela durou [inaudível 13:18] sete anos. Mais ou menos sete anos.

R. F. – Sete anos, um bom tempo.

C. A. – Mas o que acontecia? Vou te falar, não é fácil você pagar aluguel de um salão grande para alugar uma sede, ou do prédio, onde eu casei, que eram três andares de sede, não é fácil. Mas só que a gente tinha presidente, vice-presidente, diretoria que bancava. Não dependia da torcida para bancar os custos da sede, voe entendeu?

R. F. – Sim, sim.

C. A. – A gente tinha pessoas de diretoria que eram bem financeiramente, e bancavam a coisa. Foi quando, justamente, essa diretoria saiu, foi Lambão, Chiquinho, saíram, é que a sede foi obrigada a pedir “penico” para a Portuguesa [risos]. Nós fomos obrigados a pedir “penico” para a Portuguesa. Tinha aqui dentro, aqui atrás dessa porta aqui, uma sala. Uma sala aqui, ali, onde era a sala dos Leões. Depois é que construíram aqui, a nova sede dos Leões, isso aqui é de vocês, não sei o que. E virou isso aqui. Mas foi de 95/96. É, 96, quando foi o Campeonato Brasileiro, a decisão da Portuguesa e Grêmio, 96/97, por aí, que veio para cá.

R. F. – Certo. E teve muita gente eu fez esse caminho de começar pela Leões, se tornar diretor da Leões, depois se tornar diretor do clube, da Portuguesa? É um caminho normal, assim?

C. A. – Sim, é um caminho normal. Porque a gente, igual você falou, a gente, além da Fabulosa independente, cabeça própria, mas é muito ligado à Portuguesa na parte social. Praticamente todos os torcedores da Portuguesa, da Leões, são sócios da Portuguesa, e querem bem à Portuguesa. Querem bem o clube, não só pelo futebol, querem bem a parte social do clube. Meus filhos são todos sócios, eu sou sócio.

R. F. – A maioria?

C. A. – Sim, o presidente é sócio da Portuguesa. Antes de vocês chegarem, ele estava na piscina. Trabalha comigo. Não foi trabalhar, estava na pisciana hoje. Quer dizer você falou o negócio da nossa coligação com a diretoria, é essa mesmo. A gente tem cabeça própria. A gente leva no “banho Maria” as coisas. Se acontecer, volto a repetir, se não for bem, vai para cima.

A. B. – Uma outra relação, a relação com os jogadores. Como era a década de 70/80, como é hoje?

C. A. – Olha, a década de 70/80, quando eu entrei na Portuguesa, você olhava, os jogadores estavam treinando, era cheio de torcedor assistindo o treino. A gente via de perto, ficava doido. E o Enéas, vocês não conheceram o Enéas.

R. F. – Rei Enéas?

C. A. – Ei, ei ei, Enéas é nosso rei! Aquele ali, do lado direito ali. O [inaudível 17:00] está aqui, o Enéas está lá, de branco. Olhava o Enéas assim, o cara era o ídolo, nossa. Quando ele foi convoca do para a Seleção de 74... Puta que pariu, o Enéas! Convocado para a Seleção de 74. Foi na reserva, foi para a Seleção, mas ficou na reserva. Alemanha. Aí quando a Portuguesa vendeu ele em 80, 80 e alguma coisa, a Portuguesa vendeu ele para o Bologna, da Itália. Porra, meu, chorei. Chorei. Não tinha jeito, ele foi embora. Aí chorei mais ainda quando ele voltou do Bologna da Itália e foi jogar no Palmeiras. Caramba, que desgrama. Me sai do Bologna para jogar no Palmeiras. Aí comecei a chorar de raiva, sem vergonha. Mas a relação com os jogadores... Naquela época, acho que com todo mundo, era de respeito. O jogador era o ídolo, era patrimônio do clube. Hoje jogador é patrimônio do empresário. E, naquela época, jogador era patrimônio do clube. Se você fizesse alguma coisa contra o jogador, estava fazendo contra o clube, não é verdade? Você está fazendo contra o clube. Então, como é patrimônio do clube, você adorava o clube, adorava o esporte, existia o respeito. Xingar? Xingava. Quantas vezes eu adorando o Enéas. Enéas era um ídolo para mim, quando for... [inaudível 19:25], porra. – “Está morrendo em campo, caramba!”. Xingava ele. Mas só isso, no fervor do jogo. Fora, Enéas dá autógrafo, e não só ele, igual veio Tatá, Eudes, Elói, Wilson Carrasco. daquelas épocas, o Zecão, goleiro, Orlando. Depois veio, em outra época jogou Biro Biro, jogou o Carlos, o Carlos,

que era da Ponte Preta, foi goleiro da Portuguesa. Biro Biro, Zenom. Dos jogadores que já vinham com a fama feita, jogaram na Portuguesa, Luiz Pereira.

R. F. – Edu Marangon.

C. A. – Edu Marangon, foi revelação da Portuguesa. Tem uns meninos jogando pelada aqui. Então, opa! Podia jogar mal o jogo todo, mas era a prata da casa, ninguém mexia, era idolatrado. Edu Marangon, Leandro. O centroavante, Leandro. Leandro Amaral. O Rodrigo Faber, Dener.

R. F. – O Dener era da Vila Maria?

C. A. – Da Vila Ede. Eu te conto uma história que você não vai saber do Dener, posso te contar uma historia do Dener. Eu moro na Vila Sabrina, é para cima da Vila Maria, eu moro na Vila Sabrina tem 12 anos, que eu mudei para a Vila Sabrina, que eu morava na Vila Maria Baixa, mudei para a Vila Sabrina. Meu pai tinha uma lanchonete, meu pai comprou um terreno de uma casa na Vila Sabrina. Tinha 12 anos quando me mudei para lá. Então, isso foi em 75, eu moro na Sabrina há 40 anos, não é? No final da minha rua tem um campo chamado Sociedade dos Amigos de Vila Sabrina, pertencer à Sociedade Vila Sabrina. Tem a Vila Sabrina, Vila Medeiros, de um lado, e Vila Ede do outro lado. Vila Ede é onde o Dener nasceu. O Dener jogava nos 13 Garotos da Vila Ede. No final da minha rua, Vila Ede é pertinho. O Dener, com seus sete anos de idade, veio jogar pelos 12 Garotos de Vila Ede [tosse], no outro time que meu irmão jogava, meu irmão do meio, Fernando. Meu irmão jogava no Santinhos da Vila Ede, eles jogaram contra. E eu vi aquele garoto jogando, um absurdo [inaudível 22:25]

R. F. – Que ano foi isso, você lembra?

C. A. – Ah, eu vou falar para você... Eu tenho que lembrar a data. Deve ter sido lá por 84, por aí, 84. Mais ou menos 84/83. Tinha uns seis/sete anos de idade. Aí foi, passou uns tempos, teve um festival de futebol de salão na quadra da brahma, no Jardim Japão, no alto da Vila Maria. E eu fui assistir esse festival. Aí ia jogar os 12 Garotos da Vila Ede, mas futebol de salão. Já tinha passado uns dois anos, já tinha seus nove, 10 anos, o Dener. Fui assistir esse jogo de futebol de salão. Quem jogou no Santos? Dener. –“Po, esse garoto não é aquele garoto que

jogou no 12 Garotos de Vila Ede? É ele mesmo, Dener. Mas esse moleque está ‘comendo’ a bola aí, já estão de olho nele”. Bateu uma bola no gol lá, o moleque fez gol para caramba. Naquela época, o meu pai já tinha uma lanchonete na zona cerealista. E na Rua Santa Rosa existia uma firma que chamava Mercantil Nestor Pereira. O filho do senhor Nestor Pereira, Silvio Pereira, era diretor de futebol de salão aqui na Portuguesa. A lanchonete do pai era numa travessa da Rua Santa Rosa. Eu cheguei, fui lá no seu Silvio, e falei: - “Seu Silvio, eu vi ontem um garoto jogando na quadra da brahma. Diz que o nome dele é Dener. E ele é lá da minha Vila, ali do lado, Vila Ede, ali assim, assim. E esse 12 Garotos joga lá na Vila Ede, na quadra do snoopeh. Porque o senhor não vai lá dar uma olhada nesse garoto, lá? O garoto é muito bom, ele deve ter seus 10 anos aí, traz ele aí para o futebol de salão. O meu irmão, Fernando, era federado, jogava no salão, e ele era federado. Fala com ele lá, traz ele para o infantil”. Ele falou: - “Beleza, vou dar uma olhada nisso aí. Onde que é?”. Na quadra snoopeh, eles jogam lá de sábado, à tarde. Na quadra do snoopeh, na Vila Ede. Na avenida Ede mesmo”. E foi lá, e viu esse moleque, deu um cartão dele, para procurar. Deu um cartão do Dener. O Dener veio para o futebol de salão, mas jogou duas semanas no salão. Naquela época, já Luiz Iaúca, que hoje não é diretor, mas foi diretor, foi vice-presidente de futebol da Portuguesa, está aí até hoje. Luiz Iaúca, mais seu Albano Figueiredo “vap” nele, o campo. E o resto da história todo munda já sabe. Subiu, subiu. Revelação da Taça São Paulo de futebol junior, Portuguesa, foi o que aconteceu com ele. Mas eu falo, esse aí vai. Fui eu que fui atrás do seu Silvio, falei e ele veio para a Portuguesa. Tanto que você vai lá na minha lanchonete, tem uma foto do Dener assinada, no caixa.

R. F. – O Dener frequentava a sede dos Leões?

C. A. – Frequentava, ele era um garoto bom. E te falo outra coisa do Dener: eu estava no auge bar, da Vila Maria, estava eu, minha esposa, a gente foi em um aniversário de uma colega – o auge bar era na Guilherme Cotching, principal da Vila Maria. Fui em um aniversário de uma colega da minha esposa, a gente estava lá no auge bar. No sábado, na véspera dele morrer, antes de vir para o Rio, ele parou lá no auge bar, passou por mim, eu vi que era ele, ele conversou com um cara lá, conversou com outros caras, cumprimentou e saiu de novo. No que ele saiu, eu bati nas costas dele, falei: - “Aí Dener, bom filho à casa volta”. Ele falou: - “E aí...”. E eu fui na companhia atrás dele, assim, saiu na porta, uma porta de vidro, e a eclipse branca estava

parada, fila dupla, ali na Guilherme Cotching, e o cara estava no volante esperando, ele entrou no passageiro e foi para o Rio. Mas não chegou. Morreu já chegando quase lá no apartamento dele, no Rio, e morreu. Acidente, morreu enforcado pelo cinto de segurança. Na véspera, eu vi o Dener. Ainda bati nas costas dele e falei: - “O bom filho à casa volta”. Ele falou: - “E aí rapaz”. E ele convivia. Assim como o Enéas convivia também, apesar da classe dele de ser o bam-bam-bam da Portuguesa, porque ele carregava a Portuguesa nas costas. - “O Enéas carrega a Portuguesa nas costas, só tem ele”. Mas ele convivia, se dava muito bem com o pessoal da rodinha. Assim como todos, praticamente. Não esses jogadores hoje. Falo de hoje, esses jogadores que passaram agora. A gente não sabe nem o nome. Eu mesmo não sei o nome de nenhum desses aí, foram 40/50 contratações, como você vai saber? Você vai [inaudível 28:27] o jogador, você nem sabe quem são eles [tosse]. E outra, o campeonato ruim, você xinga, malha o jogador, porque, pô, um campeonato ruim demais, para rebaixar para a série C, que relação você vai ter? Agora mesmo a gente está com uma relação legal com os jogadores, mesmo não sabendo ainda bem... Eu mesmo não sei bem ainda o nome dele todos.

R. F. – O ídolo é o Valdomiro?

C. A. – Agora o Valdomiro, sim. O Valdomiro vem aqui na sede. O Rafael, goleiro, vem na sede. A gente vai lá, conversa com eles, entendeu? Hoje está um relacionamento mais ou menos com eles. E antigamente, assim, eu tinha a lanchonete, antes do meu pai ir para a zona cerealista, a gente tinha uma lanchonete aqui na Bom Jardim, antes de chegar na [inaudível 29:20], tinha uma lanchonete. Quantos jogadores começando carreira passavam lá – “Oh, me vê um café aqui?”. Aí pai fazia pão com ovo, manteiga na chapa. Caio Cambalhota, Jorginho, que hoje é técnico. Nasceu aqui na Portuguesa, Jorginho, ponta direita. Quantas vezes o meu pai fez vitaminas, suco de laranja, pão com queijo e coisa, para ele, que ele vinha com a sacolinha. Juvenil. O Dema, que se acabou, depois, no Santos, também, hoje parou de jogar. Mas o Dema, Jorge Liz Funeral...

R. F. – Uma dúvida que ficou: quando a família se associou à Portuguesa, antes de se associar aos Leões, antes da sua família vir, você já era sócio da Portuguesa, ou foi depois?

C. A. – Não, eu já era sócio.

R. F. – Nasceu sócio da Portuguesa?

C. A. – Não, o meu pai ficou sócio da Portuguesa, o meu pai, em 1971, com o título 13850, em 71.

R. F. – Antes de você começar...

C. A. – Ah, antes. Meu pai já nasceu na Portuguesa. Só que meu pai só pagava, e não vinha, ele não vinha.

R. F. – Porque era da colônia?

C. A. – É, porque meu pai trabalhava com... O único patrão que o meu pai teve no Brasil chamava Zé da Farinha. O Zé da Farinha, ele comandava a farinha de trigo das padarias aqui de São Paulo, inteira. E o Zé da Farinha, muito concreto, muito ferro, muito cimento, muita areia que foi posto nesse estádio aí, foi ele que mandava anonimamente. – “Entrega na Portuguesa lá, manda qualquer um assinar a nota e me traz a nota lá”. Zé da Farinha. Era assim.

R. F. – Você sabe o nome dele, do Zé da Farinha? Era Zé da Farinha?

C. A. – Usava José da Farinha.

R. F. – Famoso?

C. A. – É. O nome dele, de vez em quando eu lembro, é José Vaz alguma coisa, não lembro o outro. Meu pai sabe bem. Foi o patrão que meu pai teve no Brasil. Então, foi ele... – “Fica sócio lá, quer que eu pague, eu pago” [risos]. José da Farinha, já falecido. Muitos anos, morreu com seus 96 anos. Tanto é que é fácil, a filha do Zé da Farinha era uma filha única, Madalena, filha única, casou com um sobrinho do presidente da Portuguesa, Ilídio Lico, casada com um dos Lico. Juntou patrimônio com patrimônio. Concentrou. Não sei se vocês conhecem aí o alto da Vila Maria, a casinha dele, não sei se vocês conhecem a Avenida Cerejeira, o colégio Paulo

Egídio, e do outro lado, ali, tem uma pequena casa, tem o apelido de palacete. Na rua que nasceu o Ayrton Senna também. Bom, o que mais? Agora me perdi.

B. G. – Eu queria voltar um pouco nessa época dos anos 80, que você assumiu a diretoria em 84/85. E a gente tem aqui um episódio que ficou [inaudível 33:00], e você já era ativo, nessa época, na torcida, eu queria saber que impacto isso teve, e que relação que vocês tinham com o Cléo?

C. A. – Sinceramente? [inaudível 33:18]. O Cléo era muito ruim. O Cléo era rum demais, e o [inaudível 33:27] acompanhava ele, também não ficava atrás. O Cléo era muito ruim, tanto é que teve a morte que teve. E ainda falo mais: após a morte dele, jogou Portuguesa e Palmeiras no Canindé. Fazia uma semana que ele tinha morrido. Eu levantei, comecei a gritar – “Éu, éu, éu, viúva do Cléo”. A Mancha Verde. E a torcida me acompanhou: – “Éu, éu, éu, viúva do Cléo”. A Mancha Verde era viúva do Cléo. Rapaz, eles vieram para cima, velho. Só que tinha polícia para caramba. Mas eles apanharam tanto, a gente não fazia nada [risos], eles apanharam tanto da polícia. A polícia arranhou pau sem dó na Mancha Verde. Até, depois daquele dia, eu arrumei uma confusão com um amigo meu, o risonho, Alfredão, risonho: - “Você é louco? Se eles passam pela polícia, como que você ia segurar aquela porra toda lá?”. Eu falei: - “Velho, não pensei nisso não, pensei só em tirar uma. Não pensei no que podia acontecer. NA hora, pensei em tirar uma” [risos]. Até hoje os caras lembram: - “Pô, você lembra aquele jogo lá, que começaram a cantar ‘éu, éu, viúva do Cléo’. Você lembra?” [risos]. Mas, igual você perguntou, quando morreu, eu mesmo que falei, foi mais um, melhor assim, menos um carrasco na torcida. O Cléo não se dava com ninguém. O problema do Cléo não sei qual que era. A cabeça dele... Porra, a gente participou do torneio Gazeta Esportiva. Fomos campeões do torneio Gazeta Esportiva. Sabe qual é o torneio?

R. F. – Sei.

C. A. – As torcidas respondiam a perguntas sobre o clube. E a final foi Portuguesa e Mancha. Leões e Mancha, e fomos campeões. Ganhamos vespa, televisão, mais não sei o que lá. Um monte de coisa. Cada emprego, troféu. Acho que o troféu está aí...

Voz masculina - Tem o DVD aí.

C. A. – Do programa que era na Gazeta Esportiva. Porra, meu, foi campeão. Mas antes da gente ir para as finais com o Palmeiras, a gente passou, tem um confronto antes. No dia lá, o cara armou para gente na Alameda... Foi uma rua ali, uma daquelas alamedas ali que chega na Gazeta.

R. F. – No dia do programa?

C. A. – É, no dia do programa. O cara foi, pegou a gente de armadilha, velho. Armou para gente, não sei como que ele sabia. Não dava para deixar o carro pelo lado da Paulista, não tem estacionamento ali. Só tinha a alameda e tinha o estacionamento, então a gente ia tudo de carro. A gente veio de Santos, eu já tinha jogado em Santos. E os caras foram de carro. Os carros, para vir na frente, para poder chegar a tempo para o programa. Os outros vieram de ônibus. Porra, meu, quando chegou um monte de carro lá, que [inaudível 37:05] de carro, Chiquinho, chegamos de carro lá, quando fomos sair.. Guardamos os carros no estacionamento, saímos, tinha para mais de 100 palmeirenses esperando a gente lá, com pau na mão. Um quebra pau do caramba, quase que a gente não chega no programa. Sorte que chegou a polícia, naquela época, as “baratinhas” ainda, chegou e livrou. E os caras correram, e a gente foi, mas foi machucado, foi com o braço sangrando, com cabeça rachada. Fomos para o programa com camisa enrolada na cabeça. Arrumaram arapuca para a gente.

A. B. – Você identificaria outros carrascos?

C. A. – De torcida?

A. B. – Das torcidas.

C. A. – Olha, na minha época, carrasco... Da minha época, carrasco, eu lembro do Cléo... O Dentinho. O Dentinho ainda era meio sacana, ele era sacanão também, gostava de aprontar. Mas contra a gente, nem tanto, mas contra o Palmeiras. Na época, o Dentinho aprontava muito, mas com a gente, não. Mas carrasco a gente falava o cara que tinha coragem de qualquer coisa

para pegar, para bater, para quebrar mesmo, que eu lembro, o pior mesmo foi o Cléo. Teve outro.

B. G. – Depois da morte do Cléo, como que fica a relação de vocês com a Mancha?

C. A. – Até hoje a gente não tem relação com a Mancha. Não tem, a gente não vai em festa deles, eles não vem em festa nossa, não temos relação com a Mancha. Não temos relação com a Jovem, não temos relação com a Independente, não temos relação com a Jovem. Temos uma relação, assim, mais ou menos, com a TUP. São Paulo, não temos relação com nenhuma delas. Corinthians, com a Gaviões, hoje, existe uma relação, e só. Com São Paulo e Palmeiras, só TUP. Com a Mancha, nenhuma, nunca teve. Vai ser difícil isso, vai repassando essas coisas.

B. G. – Mas isso tem a ver com a liderança? Quem...

C. A. – Não sei, eu acho que vem, tipo assim, nunca se deu, nunca foi de fazer nenhuma amizade, nunca foi companheira uma da outra, nem nada, e foi isso. Aí vai passando. O pessoal da antiga está, até hoje. Igual aqui, o pessoal da antiga está até hoje. [inaudível 40:10] era daquela época. Eu estava lá, estou hoje aqui, ainda. Quer dizer, então fica difícil.

B. G. – E aí, voltando [inaudível 40:33]. E aí tem uma legislação que proíbe, então, as torcidas de usarem...

C. A. – As bandeiras. As bandeiras de bambu. Nunca mais pode entrar bandeira de bambu.

B. G. – Como que vocês se adaptaram?

C. A. – A adaptação foi fácil. Não pode, não pode. Tentamos uma ou duas vezes levar, não entrou. Não adianta levar mais. Não vai entrar, a polícia não deixa. Não deixa, não deixa. Acabou. No começo, nem a faixa grande não deixavam. Era a faixa pequena. Depois de um tempo, eles foram abrindo mão, deixaram a faixa, deixaram fazer o bandeirão. Aquele bandeirão que jogava também não deixavam, depois foram deixando. Eles foram abrindo exceções em alguns casos. Até hoje, na reunião com a polícia, os meninos que vão, e tal, junto,

combinado com outros torcedores que vão, e tal, em reunião com a polícia. De vez em quando, essas reuniões que fazem e chamam as torcidas para ir. Eles falam para deixar a bandeira voltar, de bambu. Porque era uma alegria. Mas, nada feito. Quem sabe no futuro, sei lá, ou dificilmente. Não sei.

A. B. – Falando de bandeirão, a Lusa também é conhecida por sempre virar bandeira ao contrário, como um estímulo.

C. A. – Por de cabeça para baixo a faixa.

A. B. – Isso. Desde quando? Desde a sua época?

C. A. – Não, minha época não.

A. B. – Você lembra de outras torcidas fazerem isso?

C. A. – Não. Começou na série B. Ela começou quando a Portuguesa foi pela primeira vez para a série B.

R. F. – Em 2003?

C. A. – Foi a primeira a receber em 2011 para 2012. 2007 para 2008, a primeira vez. Acho que foi isso. Virou a faixa, aí quando subiu, sabia que tinha subido, nós desvirávamos de novo. É um auto- protesto.

A. B. – Já existiram outros modos de protesto?

C. A. – Olha, na minha época, o protesto que a gente fez contra o Teixeira Duarte, foi que nós fizemos o enterro dele, o enterro simbólico dele. Contratamos carpideira, até mulher para chorar a gente contratou. Pagou as carpideiras. Fizemos de um bugre um carro fúnebre. Padre, um cara vestido de padre, aquele monte de gente atrás, um cortejo. Desde a nossa sede na Pedro

Vicente, que era Independente, até aqui no Canindé, onde teve cobertura da Globo, Gazeta, todo mundo. O negócio foi... Foi um protesto.

A. B. – Existe entre, durante as pesquisas, uma relação de rivalidade que existe, por exemplo, com o Juventus. Isso é uma relação muito nova, depois que caiu?

C. A. – Não, existe uma rivalidade, ou os caras querem igualar a Portuguesa ao Juventus?

A. B. – Não sei, eu quero ouvir de você. O que historicamente existe de fato da Leões com a Jovem, com a Juventus?

C. A. – Olha, uma que essa molecada aqui, de hoje, nunca jogaram contra o Juventus. Que o Juventus já tem uns quatro, cinco anos que caiu para a três do Paulista, e Brasileiro nem joga. Bom, então, quer dizer... Agora, eu joguei, eu fui assistir muitas vezes jogo na Rua Javari, nunca teve confusão nenhuma. Porque só contra o Juventus a nossa torcida era maior [risos]. Leões é maior. Aqui de São Paulo, da capital. Porque se ia jogar contra o Palmeiras, a torcida do Palmeiras era maior; contra o Corinthians, o Corinthians era maior; contra o Santos, era maior. Mas contra o Juventus, a nossa era maior [risos]. Então, nunca teve rivalidade conta o Juventus, nunca teve.

A. B. – Acho que é uma disputa do segundo queridinho.

C. A. – Não, pode... Na minha cabeça era assim. Não sei, mas talvez. O Juventus caiu, foi caindo. Falei: - “Caramba, menos um”. Lógico que a gente fica com dó, porque o Juventus é daquele que vai para o campeonato não para ser campeão, era para atrapalhar os outros. Era moleque travesso mesmo, o apelido estava certo. Era um moleque, ele vinha para atrapalhar, para estragar. Às vezes você estava indo bem, ao lado ali, precisando de dois pontos para a classificação, vinha ele, toma. Te tirava da classificação, ganhava o jogo, você perdia a chance. Não fez isso só com a Portuguesa, foi o que eu te falei, fez com o Corinthians, fez com um monte de coisa. Precisando de dois pontinhos, chegava lá, o Juventus ganhava o jogo, pronto, já caiu a classificação.

R. F. – Bom, vamos chegando, então, ao final dessa entrevista, depoimento. Muito obrigado.

C. A. – Obrigado, eu que agradeço.

R. F. – Ao Beto, por participar, retomar a trajetória da Leões, uma torcida histórica, muito importante.

C. A. – Eu não sei se eu expliquei alguma coisa, expliquei, assim, o que eu vivi, sentimentos. Não sou muito bom nas palavras, espero...

R. F. – Foi ótimo. Muito obrigado, em nome do Museu do Futebol e da Fundação Getúlio Vargas, do CPDoc. Muito obrigado.

C. A. – Eu que agradeço a oportunidade [palmas].

[FIM DO DEPOIMENTO]